



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na inauguração do laboratório de ensaios não destrutivos, corrosão e soldagem**

**Rio de Janeiro-RJ, 30 de abril de 2009**

Eu quero cumprimentar o Sérgio Cabral e sua companheira, Adriana,  
Minha companheira Marisa,  
Quero cumprimentar o Sergio Rezende, nosso ministro da Ciência e Tecnologia,

Nosso querido Marcelo Déda, governador do estado de Sergipe,

Senador Marcelo Crivella,

Deputado federal Afonso Hamm,

Secretários estaduais,

Professor Aloisio Teixeira – eu adoro falar esta palavra –, magnífico reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro,

Nosso querido companheiro Gabrielli, presidente da Petrobras,

Nosso querido companheiro Pinguelli, diretor da Coppe,

Professor Oscar Rosa Mattos, coordenador do Laboratório de Ensaios Não Destrutivos, Corrosão e Soldagem da Coppe,

[Quero] cumprimentar os companheiros e companheiras pesquisadores, acadêmicos, professores, estudantes, funcionários, jornalistas, torcedores do Botafogo, do Flamengo, do Vasco, do Corinthians,

[Quero] cumprimentar todo mundo aqui.

É que o Vasco não está na final, meu filho. Eu só posso falar de quem está na final.

Vocês me viram desmanchando o meu discurso aqui, porque o meu discurso tinha cinco assuntos, cinco. Todos eles repetitivos porque as pessoas



já tinham falado antes de mim.

Eu queria apenas prestar uma homenagem à pessoa que tem responsabilidade por isto aqui, e mostrar um pouco a diferença do que é [entre] uma visão progressista nacionalista e uma visão neoliberal ou uma visão conservadora.

Aqui, eu vou falar do professor Alberto Luiz Galvão Coimbra, para mostrar o lado progressista de um homem que, se pensasse de forma conservadora, iria entender que investir em pesquisa não é coisa do Estado, é coisa do mercado. O mercado decide os investimentos em pesquisa deste país e de qualquer outro país. O Alberto Luiz Galvão Coimbra que, orgulhosamente, pertenceu à geração de nacionalistas das décadas de 40 e de 50 forjados na era de Getúlio Vargas - que alguns tentaram acabar há pouco tempo – apostaram em um Brasil desenvolvido por mestres, doutores e técnicos capazes de criar a tecnologia que impulsionaria o processo de industrialização do nosso país. Ele foi o primeiro administrador de um curso de mestrado em Engenharia Química da então Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A instituição iniciou as atividades em 1º de março de 1963 e foi o embrião que criou a Coppe. Para reforçar o corpo docente, Coimbra enviou missões de recrutamento de alunos às cidades onde havia cursos de Engenharia. Os recrutadores punham anúncios em jornais, rádios, convidando os formandos para entrevistas em hotéis. A eles era explicado o sentido do mestrado e, ali mesmo, os interessados eram avaliados. Cada selecionado recebia a informação de que receberia uma bolsa de estudos do CNPq ou da Capes, o que na época era uma extraordinária novidade.

Com isso, receberam alunos das principais capitais brasileiras e do México, do Chile, do Uruguai, da Colômbia e da Argentina. Poucos anos depois, a nossa querida Coppe se transformou em referência nacional na área de pesquisa tecnológica e no maior centro de ensino e pesquisa em



Engenharia da América Latina.

Por que eu fiz questão de ler este texto sobre o professor Alberto Luiz Galvão Coimbra? É porque muitas vezes a gente encontra o prato pronto e não tem o cuidado de saber como foi [para] preparar o prato para a gente comer. Aí, a gente passa a não valorizar as pessoas que vieram antes de nós e que fizeram coisas que nós, hoje, usufruímos. Isso acontece na vida política, na vida acadêmica, entre os cientistas, [entre] os pesquisadores, entre os sindicalistas. Normalmente, todos nós achamos que a história começa a partir de nós quando, na verdade, nós somos resultado da história feita por outros.

Eu fiz questão de ler este texto aqui para a gente acreditar que neste país, algum tempo atrás, tinha gente que pensava mais seriamente no País, tinha gente que pensava em soberania nacional, tinha gente que pensava em independência na área do conhecimento, tinha gente que queria que o Brasil fosse um país respeitado, e o professor Aloisio [Alberto Luiz] era um desses.

Obviamente nós temos, ao longo da história, milhares de pessoas que também seguiram essa trajetória. Mas tivemos outros que acharam que “o mercado vai resolver o problema”. É com muita tristeza que a gente olha para a Educação deste país, e percebe que em um estado rico chega a ter 82% dos estudantes em universidades públicas (falha na gravação) universidades, em universidades privadas. Nada contra as universidades privadas, mas tudo favorável à universidade pública.

Às vezes eu me pergunto, meu companheiro Reitor, meu caro Governador, por que durante tantas décadas se investiu tão pouco em pesquisa e em universidade neste país? Não há explicação. Este país só teve governantes com curso superior. Até os nossos militares todos que governaram, tinham curso superior. Eu e o José Alencar – não sei se tivemos a sorte ou o azar – de ser os únicos dois, presidente e vice, que nenhum dos dois tem diploma universitário. Talvez explique... Eu não falo isso com orgulho, não, porque vocês não sabem o quanto eu gostaria de ser economista. Eu acho



fantástico ser economista, da oposição, porque a gente sabe tudo quando é economista, a gente fala, tem resultado para tudo. Depois, quando a gente assume, percebe que é mais difícil fazer do que achar, quando a gente está apenas discutindo teorias. Mas eu tinha loucura para fazer Economia. Eu não consegui fazer... Obviamente, eu acho que foi um prejuízo, mas acho que se eu fosse economista, não sei se eu seria presidente da República.

De qualquer forma, tem uma coisa importante nessa história, Sérgio, que é o seguinte: possivelmente, o fato de eu não ter o conhecimento acadêmico que muitos tiveram, facilita à gente fazer as coisas, porque não tem preconceito, porque não tem disputa acadêmica. A única coisa que eu tenho claro é que este país não será nunca uma grande nação se ele não investir em educação, ciência e pesquisa. É a única coisa de que eu tenho clareza, como eu tenho clareza de que os pesquisadores não podem fazer pesquisa, fazer sua tese acadêmica e trancarem em uma gaveta para o debate intelectual. É preciso transformar o resultado daquela pesquisa em um produto que possa ser produzido por empresas e gerar oportunidade de riqueza para quem quer trabalhar neste país. Também tivemos essa deficiência: as pessoas gostavam apenas de ser acadêmicas, e não [de] transformar o seu produto acadêmico, vindo da sua inteligência, em um produto capaz de ser consumido, capaz de ser utilizado pelos brasileiros. Isso começa a mudar.

Por isso que quando o companheiro Sergio Rezende propôs... Quando nós fizemos o PAC, no dia 22 de janeiro, que deu certo, nós começamos a fazer PAC para tudo quanto é coisa. Eu falei: Serginho, vamos fazer um PAC da Ciência e Tecnologia. [É] um PAC que vai exigir um investimento do governo de R\$ 41 bilhões, até 2010. Imediatamente nós criamos um conselho para poder acompanhar o PAC. Qual era a minha preocupação? No Brasil, não basta ter dinheiro. Com a quantidade de regras que nós criamos para dificultar a utilização do dinheiro, às vezes você vê a galinha cantando, pensa que ela botou ovo e ela não vai botar ovo nunca. É mais ou menos assim que



acontece. O que você contou do Tribunal de Contas... Eu não vou te contar da perereca do viaduto, porque...

É o seguinte: o País passou mais de 25 anos sem fazer investimentos em nada, e nós fomos criando uma poderosa máquina de fiscalização... porque agora a máquina de fiscalização é superior à máquina da produção. Esse é o dado concreto. Se você pegar uma instituição como a Caixa Econômica Federal, como o Banco do Brasil, como o BNDES, agora, depois de algum tempo, é que a máquina voltou a aprender a investir. O BNDES, um banco que é modelo de exemplo para nós, de orgulho, como a Petrobras é... O BNDES é motivo de orgulho para nós, mas ele passou parte do seu tempo aprendendo a sanear empresas para serem privatizadas, e desaprendeu a discutir investimento. Eu me lembro que uma vez eu perguntei a um cidadão: quanto tempo você leva entre receber um projeto e aprovar um projeto? Duzentos e setenta e cinco dias. Não é possível! E, assim, vale para outras coisas.

Hoje, no Brasil, nenhum governante consegue fazer uma obra estruturante em quatro anos. Juscelino Kubitschek, se fosse eleito presidente hoje, se não existisse Brasília e se ele quisesse fazer Brasília hoje, ele ia terminar o mandato dele sem conseguir licença para fazer a pista para descer o aviãozinho dele, para começar a estudar o Planalto Central.

Quando a gente chega aqui, que a gente percebe que este país tem uma obra-prima como a Coppe, que tem cento e poucos laboratórios, que já formou mais de 9 mil doutores, que tem outros 340, 350 trabalhando aqui, a gente tem que ter orgulho do Brasil. O Brasil não tinha orgulho de si mesmo, porque o Brasil estava acostumado a respeitar os outros. Tudo o que era de fora era mais bonito do que [o daqui] de dentro, melhor. Tudo. Eu aprendi na vida, muito cedo, que não existe possibilidade de um interlocutor respeitar outro interlocutor que não se respeita. Não existe possibilidade. Se você não se respeitar, ninguém vai te respeitar, nem dentro de casa, nem na sala de aula, nem no serviço, e muito menos nas relações internacionais, onde cada um



quer exercer a supremacia de ser mais importante.

O Brasil, portanto, vive um momento ímpar na sua história. Os que virão depois de nós, certamente terão outro paradigma para começar a fazer as coisas. Não é o paradigma da nulidade, não é o paradigma de um país de cabeça baixa, de um país grande que pensava pequeno, de um país grande que não se respeitava, de autoridades voltadas apenas para as suas relações com os Estados Unidos e com a União Européia. Nada para a África, nada para a América do Sul, nada para a América Latina. [É o paradigma de] um país que acredita hoje que é possível a gente fazer, em poucos anos, mais do que foi feito em séculos. Eu digo sempre: se a gente pegar a primeira escola federal construída na cidade de Campos, no Rio de Janeiro, por Nilo Peçanha, se não me falha a memória, em 1909... De 1909 até 2003 foram criadas 140 escolas técnicas. Em quase 100 anos, 140 escolas técnicas. Em 1998 fizeram uma lei, tirando da responsabilidade do governo federal o ensino profissional. Nós mudamos a lei, e em 8 anos nós vamos fazer uma vez e meia o que foi feito em 100 anos de existência de escolas técnicas neste país.

Vocês viram que esses dias fizeram uma crítica mortal ao ProUni. Disseram que tinha estudantes com carro novo, sendo do ProUni. Primeiro, eu defendo o direito de que todos pudessem estudar de graça, até porque é obrigação do Estado garantir o ensino para as pessoas, e eu sei que isso não é possível de uma hora para outra. Eu me lembro que quando nós criamos o ProUni, alguns diziam: “O governo está nivelando a Educação por baixo, porque está colocando jovens pobres da periferia para fazer universidade privada, com bolsas de estudo”. Passados dois anos, nas 13 matérias pesquisadas, os melhores alunos eram os pobres da periferia, do ProUni. Em 13 matérias. Quando nós fomos criar o Reuni – o Aloisio sabe. Não sei se o seu gabinete foi invadido porque a pequena burguesia que estuda de graça aqui ou em qualquer lugar do mundo é contra que se sentem mais que 12 alunos em uma sala de aula. Doze já uma superpopulação. De preferência,



para eles, seria um aluno por professor. O que nós queríamos? Apenas copiar o modelo francês: colocar, em média, 18 alunos por professor. O que isso está possibilitando hoje? Desde que foi feita a primeira universidade federal neste país até 2003, o máximo que a gente conseguiu renovar de alunos, nas escolas federais, foi 113 mil. Este ano, por causa do Reuni, já foram 227 mil alunos novos inscritos nas universidades federais.

Vocês aqui do Rio de Janeiro e de São Paulo, quando viajarem o Brasil, vão ver coisas diferentes. Quando vocês pegarem um avião, em 2011, e forem para o interior, vão perceber 14 universidades federais novas, vão perceber 98 extensões universitárias por este país afora - Quantas tem em Sergipe? - É preciso acabar com a história de que a universidade tem que ser na capital. Em vez de se ficar querendo que os jovens do mundo inteiro se transfiram para o Rio de Janeiro ou para São Paulo, é muito mais barato, muito mais cômodo e socialmente muito mais justo – até do ponto de vista da família, é muito mais justo – levar braços das universidades para o interior do país, para que esses jovens possam... e levar doutores dos grandes centros para darem aulas lá, porque é assim que a gente vai tornar o Brasil mais igual. Antes era tudo [em] São Paulo ou Rio, era o eixo: São Paulo-Rio-Minas. É preciso destensionar o País para que a gente possa criar um pouco mais de justiça, de igualdade. Nós sabemos...

Outro dia eu encontrei um professor, que foi presidente da SBPC, dando aulas em Manaus. Eu achei aquilo extraordinário, o cidadão da elite intelectual de um centro desenvolvido fez uma escolha preferencial de ir para a universidade de Manaus dar aulas. Um professor de Medicina, o titular da academia, trocou Manaus para ir dar aulas em Coari, na universidade que nós fizemos lá. Então, é assim que a gente vai acreditando que daqui a 15 ou 20 anos os nossos filhos – eu espero estar vivo daqui a 15 ou 20 anos – que a gente tenha um país, eu diria, muito mais bem formado, muito mais bem preparado, e com as nossas pesquisas fazendo as nossas empresas se



transformarem em grandes empresas de qualidade.

Nós sabemos que ainda falta fazer muita coisa neste país. Mas eu duvido que tenha tido um presidente deste país que tenha participado de uma reunião da Comissão Nacional de Ciência e Tecnologia e, depois, ir à sede da SBPC e não ouvir uma crítica. Eu duvido que já tenha tido alguém... até estranhei: como é que eu estou aqui na casa da SBPC e ninguém está descendo o porrete no governo? É exatamente porque agora todos têm a responsabilidade de fazer com que o ministro não trate o Plano como se fosse um Plano do ministro que, quando ele sai, acaba. O Plano não é do ministro, o Plano é da sociedade, porque foram vocês que construíram o nosso PAC de Ciência e Tecnologia. Então, se vocês pariram, cuidem. Não permitam que morra de inanição. Nós estamos convencidos de que vamos cumprir a meta.

Agora, dizia o meu amigo Pinguelli que poderiam ter colocado um robzinho mais bonito ali, para eu ver, não é? (incompreensível) coisa que... Achei que era um robô... até pensei que era uma pessoa parecida comigo.

Bem, no mais, a alegria de estar aqui, gente. Eu acho que o Brasil entrou em um outro patamar. Quem tem viajado o Brasil tem percebido. Esses dias eu fiquei feliz porque eu fui comunicado de que, do ponto de vista da produção de artigos, o Brasil já passou a Rússia, o que era impensável a gente imaginar cinco anos atrás.

Eu participei da Olimpíada de Matemática e acho que o que o Impa está fazendo neste país é motivo de orgulho para qualquer brasileiro. É uma pena que as pessoas não conhecem. Mas eu participei da Olimpíada de Matemática e é motivo para qualquer brasileiro ficar orgulhoso. Aquele famoso moleque do Ceará, aquele que ia para a escola em um carrinho de pedreiro, com o pai levando ele, ganhou a terceira medalha de ouro consecutiva. E um menino de São Paulo, de escola pública, é o único tetracampeão, de medalha de ouro, na Olimpíada. Essa molecada é gênio, [para os quais] o Ministério vai dar uma bolsa - a Capes vai dar uma bolsa? CNPq. Mas aí é o seguinte: nós vamos





agora começar um trabalho para que as empresas brasileiras contratem esses meninos, pagando bolsa de estudo para eles, para que esses meninos... ora, se você pega um jogador de futebol, com 8 anos de idade, e já começa a tratá-lo para ir jogar na Europa, por que uma empresa como a Petrobras, a nossa querida Petrobras, não pega uns 100 moleques desses e investe neles para o futuro da Petrobras? Por que não pode fazer isso? – ele já falou que vai fazer, está regateando o quanto, mas vai fazer – Não, mas os governos dos estados podem pegar um pouco e criar planos específicos. Imaginem: se um time italiano manda vir para cá uma equipe técnica para ir ao berçário ver se o cidadão tem o pezinho bom para chutar a bola, e já começa a querer cuidar, por que nós não cuidamos da nossa inteligência, oferecendo oportunidades desde pequenos?

Eu acho que esse é um desafio, Sergio, para nós. É um desafio. É procurar onde está a inteligência deste país, fazê-la aflorar, dar oportunidade, porque o que falta para um ser humano desmotivado é apenas uma palavra mágica chamada “oportunidade”. E vocês, aqui, com esse embrião que vocês começaram em 1945, estão provando o que significa oportunidade. Portanto, vocês e a Coppe são exemplos de que este país não deve nada a nenhum país do mundo. A diferença que nós temos é que este país passou muitas décadas sem dar chance ao povo brasileiro.

Muito obrigado.

(\$211A)